

BRASIL E PORTUGAL NA GUERRA FRIA GLOBAL: CONEXÕES REPRESSIVAS DE EXTREMA-DIREITA NA LIGA MUNDIAL ANTICOMUNISTA (WACL), 1966-1976

BRAZIL AND PORTUGAL IN THE GLOBAL COLD WAR: REPRESSIVE FAR-RIGHT CONNECTIONS IN THE WORLD ANTI-COMMUNIST LEAGUE (WACL), 1966-1976

Rodolfo Costa Machado*
rod.cmachado@gmail.com

RESUMO: O artigo sumaria histórico da Liga Mundial Anticomunista (WACL), destacando as presenças brasileira e portuguesa no primeiro ciclo asiático de conferências daquela que foi na Guerra Fria a “Internacional” das ultradireitas exterministas. Pontua-se a meteórica ascensão da filial brasileira da WACL nas estruturas de poder da Liga, mostrando como extremistas brasileiros alcançaram a presidência dessa “Internacional Anticomunista” no binômio 1975-1976. Resgatam-se preocupações políticas e atuação secreta da WACL, sob as presidências norte-americana e brasileira, em relação à Revolução dos Cravos de 1974 em Portugal e o subsequente fim do estadonovismo. Salientam-se a tentativa fracassa de conexão com a CIA, via WACL, tentada pela Sociedade Brasileira de Defesa da Família, Tradição e Propriedade (TFP) e o papel do braço brasileiro *wacliano*, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), que defendeu a imagem do Chile de Pinochet no exterior. Traz à tona acusação feita à época em manchete do *Diário de Lisboa* circulada nos canais diplomático-militares da ditadura brasileira (1964-1985) na qual a WACL é acusada, ao lado do Exército de Libertação de Portugal (ELP), de associar-se ao atentado terrorista de 1976 contra a Embaixada de Cuba em Portugal. Busca-se contribuir com a historiografia do internacionalismo anticomunista da Guerra Fria, explicitando as presenças lusitana e brasileira no projeto político-ideológico de internacionalização das extremas-direitas corporificado na WACL. Além da literatura especializada, compulsaram-se jornais de época, fontes primárias dos arquivos da CIA e do Serviço Nacional de Informações (SNI) dos militares brasileiros

PALAVRAS-CHAVE: Liga Mundial Anticomunista (WACL); Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES); Sociedade Brasileira de Defesa da Família, Tradição e Propriedade (TFP); Ditaduras Militares; Internacionalismo anticomunista da Guerra Fria; Exército de Libertação de Portugal (ELP).

ABSTRACT: The article summarizes the history of the World Anti-Communist League (WACL), highlighting the Brazilian and Portuguese presences in the first Asian conference cycle of what was, during the Cold War, the "International" of exterminist far-right groups. It points out the meteoric rise of the Brazilian branch of WACL within the League's power structures, showing how Brazilian extremists reached the presidency of this "Anti-Communist International" in the biennium 1975-1976. The article rescues the political concerns and secret activities of WACL, under the American and Brazilian presidencies, regarding the 1974 Carnation Revolution in Portugal and the subsequent end of the Estado Novo. It highlights the failed move to connect with the CIA, via WACL, attempted by the Brazilian Society for the Defense of Family, Tradition, and Property (TFP) and the role of the Brazilian WACL branch, the Society of Political, Economic, and Social Studies (SEPES), which defended the image of Pinochet's Chile abroad. It brings to light an accusation made at the time in a headline of the *Diário de Lisboa* circulated through the diplomatic-military channels of the Brazilian dictatorship (1964-1985) in which WACL was accused of being associated with the 1976 terrorist attack against the Cuban Embassy in Portugal. The aim is to contribute to the historiography of Cold War anti-communist internationalism, elucidating the Portuguese and Brazilian presences in the political-ideological project of far-right internationalization embodied in WACL. Besides specialized literature, period newspapers, and

* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Coordenação Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGAE-PUCSP), e da UniPinhal (Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal).

primary sources from the archives of the CIA and the National Information Service (SNI) of the Brazilian military were consulted.

KEYWORDS: World Anti-Communist League (WACL); Society of Political, Economic and Social Studies (SEPES); Brazilian Society for the Defense of Family, Tradition, and Property (TFP); Military Dictatorships; Cold War anti-communist internationalism; Army for the Liberation of Portugal (ELP).

Introdução

Entre os diversos caminhos abertos ao diálogo historiográfico transnacional acerca dos nexos da ditadura militar brasileira (1964-1985) com a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974 em Portugal que liquidou com o Estado Novo ditatorial português, destaco uma via específica de análise histórico-imanente: a via das conexões repressivas da Guerra Fria organizadas por indivíduos, entidades e articulações de direitas do Brasil e de Portugal por dentro da Liga Mundial Anticomunista, ou WACL no acrônimo inglês de *World Anticommunist League*. São conhecidas as redes de solidariedade internacional estabelecidas entre exilados do salazarismo no Brasil e de asilados brasileiros em Portugal pós-1974. Há o caso do historiador português Joaquim Barradas de Carvalho e os do político Leonel Brizola, do músico Chico Buarque e do teatrólogo Augusto Boal. Porém, desconhece-se, em regra, uma outra espécie de solidariedade existente na Guerra Fria, aquela mantida e organizada pelo internacionalismo anticomunista extremista. Aqui se procura jogar luz a esse *outro* desconhecido, tratando de indivíduos, grupos e entramados de forças das direitas brasileira e portuguesas, em interrelação com suas congêneres globais extremistas, construídas por dentro da WACL.

Resgata-se, na sequência, a presença de brasileiros e portugueses nas conferências da Liga Mundial Anticomunista (WACL). Reconstitui-se o serviço prestado à ditadura militar chilena em Portugal pós-Revolução dos Cravos pela filial brasileira da Liga, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES); bem como uma denúncia esquecida, mas feita à época por jornal português, referente a um suposto envolvimento da WACL, presidida por um brasileiro, no atentado a bomba de 1976 contra a embaixada de Cuba em Lisboa, que resultou na morte de duas pessoas. Busca-se contribuir ao aprofundamento do conhecimento historiográfico e das reflexões históricas sobre as redes transnacionais anticomunistas das direitas civis e militares extremistas do Brasil e das direitas lusitanas associadas. À luz do ressurgimento global das direitas “fascistizantes” no século XXI, demonstra-se que a

internacionalização das extremas direitas – a brasileira em especial – não é fenômeno recente mas, pelo contrário, deita raízes históricas na Guerra Fria. Fenômeno que encontrou seu *locus, habitat* e habitantes privilegiados entre os *cruzados* da Liga Mundial Anticomunista (WACL).

Um breve histórico da Liga Mundial Anticomunista (WACL)

A Liga Mundial Anticomunista (WACL) foi fundada na capital da Coreia do Sul, Seul, em novembro de 1966, durante sessão da XII Conferência da Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos, ou APACL no acrônimo inglês de *Asian People's Anticommunist League*. O núcleo político-econômico-militar propulsor da WACL foi a APACL, a vértebra de uma política de Estados mais ampla lançada no contexto das revoluções e contrarrevoluções do sudeste asiático. A ditadura sul-coreana do general Park Chung-hee, ex-colaborador do Império Japonês na II Guerra Mundial e principal beneficiário do golpe de Estado de 1960 contra Syngman Rhee, foi um dos fiadores da WACL. A I Conferência da WACL ocorreu entre 25 e 29 de setembro de 1967 na capital de Taiwan, Taipei, sendo inaugurada pelo próprio ditador e *generalíssimo* Chiang Kai-shek. Derrotado pela Revolução Chinesa de 1949 e artífice da ditadura do Kuomintang (KMT) na ilha de Formosa, o ditador da República da China, então chamada “China Nacionalista”, era um dos principais fiadores da APACL, que ajudara a fundar na Coreia do Sul em 1954 ao lado de seu então ditador civil, Syngman Rhee.

Os percalços da diplomacia de Taiwan fizeram com que sua política externa apostasse no internacionalismo anticomunista como eixo estratégico de uma guerra política permanente contra o comunismo. Daí seu papel na criação da APACL em 1954 e da WACL em 1966. Depois da chamada “normalização” das relações diplomáticas da República Popular da China (RPCh) de Mao Tse-tung com os EUA sob a presidência de Richard Nixon e de seu secretário de Estado Henry Kissinger, a WACL revelou-se o último canal diplomático internacional de uma Taiwan cada vez mais isolada, exulsa da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1971. Depois de um primeiro ciclo asiático de conferências – em 1968 na capital do Vietnã do Sul Saigon (II Conferência da WACL), em 1969 na capital da Tailândia Bangkok (III Conferência da WACL), em 1970 na capital do Japão Tóquio (IV Conferência da WACL), e em 1971 na capital das Filipinas Manila (V Conferência da WACL) –, a Liga realizou o seu “giro às Américas”.

Sincronizando-se com a estratégia do *generalíssimo* Chiang Kai-shek de buscar aliados anticomunistas fora da Ásia, a WACL realizou sua VI Conferência de 1972 no México, sua VII Conferência de 1974 nos EUA e sua VIII Conferência de 1975 no Brasil. A latinoamericanização da WACL foi particularmente intensa, correspondendo à estratégia taiwanesa de associar-se com congêneres e aliados anticomunistas da região. Por isso a WACL criou no México, em 1972, seu órgão regional para América Latina, a Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL). Dois anos depois, no Brasil, nas sessões da VIII Conferência wacliiana de 1975, dois jovens da extrema-direita brasileira, Carlo Barbieri Filho e Pedro Paulo Angrisani Gomes¹, foram entronizados, respectivamente, na presidência da Liga Mundial Anticomunista e na presidência de seu braço jovem, a Liga Juvenil Anticomunista Mundial (WYACL, no acrônimo inglês de *World Youth Anticommunist League*). Realizando sua IX Conferência de 1976 na Coreia do Sul e sua X Conferência de 1977 em Taiwan, a WACL retomaria a realização de seus encontros anuais no continente americano, celebrando sua XI Conferência de 1978 nos EUA e sua XII Conferência de 1979 no Paraguai de Stroessner.

Este artigo procura, especificamente, radiografar a inserção brasileira e o engajamento português nessas redes e conexões anticomunistas da Guerra Fria organizadas pela WACL. Reconstituirá a participação de atores e organizações do Brasil e de Portugal, desde a fundação da WACL na Coreia do Sul em 1966 até a realização até 1976, quando o brasileiro Barbieri Filho deixa a presidência dessa “Internacional Anticomunista”. O ápice da internacionalização da extrema-direita brasileira, a gestão do Brasil na presidência da WACL, será retomada uma denúncia feita pelo *Diário de Lisboa* acerca de uma suposta coparticipação da Liga Mundial Anticomunista no atentado terrorista de 1976 contra a embaixada de Cuba em Lisboa. Embora a inserção das principais facções da ultradireita brasileira na WACL tenha sido retomada e avançada por nossa historiografia (DOS SANTOS, 1998; RIBEIRO, 2018; MACHADO, 2022; KAYSEL, 2022), inexistem esforços semelhantes na historiografia lusitana. Procura-se com isso fazer despertar a historiografia desse “sono dogmático”, contribuindo

¹ Ambos participaram do movimento secundarista anti-Goulart, no marco da conspiração do pré-1964, no Centro Latinoamericano de Coordenação Estudantil (CLACE), uma das entidades estudantis coordenadas por Wladimir Lodygensky, ex-colaborador nazista, espião internacional a soldo dos EUA e diretor da Sociedade de Estudos Interamericanos (SEI), vinculada ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) na preparação do golpe que derrubou Jango em 1º de abril de 1964 (MACHADO, 2022: 1735; MACHADO, 2024: 631). A pesquisa que trouxe à luz a família Lodygensky, seu papel na fundação da Entente Internacional Anticomunista (EIA) criada na Suíça em 1924, sua colaboração com o Anti-Komintern nazista e suas conexões repressivas com o Estado brasileiro foi realizada pelo historiador Vicente Gil da Silva (DA SILVA, 2021; DA SILVA; SCHWARZ, 2022).

para o avanço de uma interlocução historiográfica que precisa ser *transnacional*, à semelhança do objeto e articulações de atores e sujeitos aqui reconstituídos, respeitando-se sua concretude histórica particular e formas sociopolíticas e ideológicas de gênese, estrutura e devir específicas.

Esse desconhecimento advertido ou falta de interesse historiográfico pela inserção lusitana na WACL talvez possa ser explicado pelo engajamento de baixa intensidade que a ultradireita lusitana protagonizou nessa “Internacional Anticomunista” da Guerra Fria. Isso não implica, todavia, a ausência portuguesa na WACL ou a irrelevância dessa internacionalização das direitas lusitanas realizada por dentro da Liga Mundial Anticomunista. Nem tampouco significou a ausência da atuação da WACL e/ou de seus associados anticomunistas globais em Portugal, antes, durante e depois da Revolução dos Cravos de 1974. Essa reconstituição histórica joga luz a um projeto pioneiro de extremas-direitas internacionalistas da Guerra Fria, servindo como um “aviso aos navegantes” para entreler e enfrentar o desafio atual representado por um novo/velho internacionalismo extremista: anticomunista e antidemocrático. Importa levar a sério a internacionalização das ideologias, discursos, táticas e organizações políticas do anticomunista global extremista. Ridicularizá-lo é um erro, assim como subestimar o poder da ideologia anticomunista. Proceda-se assim à caracterização histórico-ideológica específica do objeto e sujeitos das ultradireitas investigados, evitando-se *caricaturizá-los* ou *folclorizá-las*.

A presença do anticomunismo luso-brasileiro no primeiro ciclo asiático da WACL

Centra-se nas conexões luso-brasileiras da Guerra Fria global e de seu anticomunismo organizadas pela WACL, criada e lançada no biênio 1966-1967 com o protagonismo da Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL). Esta foi fundada na Coreia do Sul em 1954 como a primeira regional anticomunista do sudeste asiático. A APACL foi uma resposta mediata à vitória da Revolução Chinesa de 1949 e uma reação imediata ao término da Guerra da Coreia (1950-1953) e à Conferência de Genebra de 1954, que “normalizou” a divisão e o estado de guerra permanente da Coreia e do Vietnã divididos em dois, forçando a retirada do colonialismo francês da Indochina e assim abrindo, na visão de mundo *apacliãna*, as portas à “comunização” da Ásia. Nessa escalada da Guerra Fria no sudeste asiático, as ditaduras contrarrevolucionárias sul-coreana e taiwanesa nuclearam a APACL, associadas às extremas-direitas das Filipinas, do Vietnã, da Tailândia e do Japão. A partir de 1954, a APACL colocou em

prática um projeto de internacionalização, buscando aliados anticomunistas em escala global, para além do sudeste asiático. Rapidamente encontrou parceiros predispostos à construção de uma “Internacional Anticomunista”. Desde 1955, a APACL associou-se com um grupo de ex-colaboradores nazistas da Europa Oriental, o Bloco Antibolchevique de Nações – ABN, no acrônimo inglês de *Antibolshevik Bloc of Nation* –; com uma organização dirigida por ex-dirigentes do Anti-Komintern nazista – intitulada Comitê de Informações e Ação Social (CIAS) –; e com a Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIAS), a primeira regional anticomunista da América Latina criada em 1954, no marco do golpe de Estado *made in USA* contra Jacobo Arbenz na Guatemala. Da interação complexa entre essas quatro organizações extremistas da Guerra Fria – APACL, ABN, CIAS e CIDC –, a Liga Mundial Anticomunista (WACL) foi criada em 1966 na Coreia do Sul, celebrando sua primeira conferência em 1967 em Taiwan. Antes, porém, foi tentado um “ensaio geral” da criação dessa “Internacional Anticomunista” em 1958 no México. Vingaria, contudo, quase uma década depois, no sudeste asiático, com esses mesmos atores e organizações do internacionalismo anticomunista *ultra*.

Do Brasil, coube a Carlos Penna Botto, almirante integralista da Marinha, presidente da Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), presidente da Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC), ser o primeiro “amigo brasileiro” da APACL, do ABN e da WACL, na qual inseriu extremistas do Brasil e da América Latina. Na XII Conferência da APACL de 1966 em Seul, momento em que a WACL foi criada, Penna Botto foi o único brasileiro a comparecer. Na I Conferência da WACL de 1967 em Taipei, o veterano dos cruzados anticomunistas do Brasil não compareceu. Se o almirante brasileiro e presidente da CIDC, uma das “Organizações Internacionais” da WACL, não participou da I Conferência wacliana, outra linhagem anticomunista brasileira esteve presente. Na I Conferência da WACL de 1967 fez-se presente Ester Proença Lago, dirigente do Conselho Diretor da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE). Essa frente feminina anticomunista do Brasil integrava um complexo de dois poderosos *think tanks* golpistas no pré-1964: o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Conforme demonstrou o uruguaio-brasileiro René Armand Dreifuss, a CAMDE foi uma das frentes femininas do complexo IPES/IBAD (DREIFUSS, 1980).

Observa-se que, durante o primeiro ciclo asiático das conferências da WACL, a Liga buscou engajar a CIDC do almirante Penna Botto como uma de suas “Organizações

Internacionais” e a CAMDE como seu “capítulo nacional” do Brasil. Historicamente, a CAMDE deve ser considerada como o primeiro “Capítulo brasileiro da WACL” e a CIDC, sua primeira “Organização Internacional” da América Latina. Nesse entramado anticomunista da Guerra Fria global, foi possível reconstituir a presença das seguintes dirigentes e veteranas conservadoras da CAMDE brasileira nas primeiras conferências da WACL. Ester Proença Lago viajou a Taiwan em 1967 para pontificar na I Conferência da WACL. A dirigente da CAMDE Maria Helena da Gama Câmara tomou parte da II Conferência wacliiana de 1968 em Saigon, capital do Vietnã do Sul, em plena guerra. Eudóxia Ribeiro Dantas, Lucir P. Jobim e Cordelia S. Lessa viajaram ao Japão em 1970 para participarem da IV Conferência da WACL em Tóquio (CORDEIRO, 2008: 68; MACHADO, 2002: 1143). A revista da APACL designou a dirigente da CAMDE Ester Proença Lago como a “Presidente do Capítulo brasileiro da WACL” (ASIAN OUTLOOK, 1970, v. 5, n.º 2, p. 13). As mulheres golpistas no Brasil no pré-1964 tornaram-se, pois, as primeiras dirigentes do que foi, por um breve período, a primeira filial brasileira da Liga Mundial Anticomunista. Posteriormente, a CAMDE seria substituída por uma nova organização do anticomunismo brasileiro, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES), mantendo-se Eudóxia Ribeiro Dantas no Conselho Consultivo da entidade.

Ao lado do engajamento pioneiro das mulheres da CAMDE dentro da Liga Mundial Anticomunista, além do pioneirismo do almirante Penna Botto – que igualmente tomou parte em Saigon, durante a Guerra do Vietnã, da II Conferência da WACL de 1968 –, uma terceira linhagem da ultradireita direita brasileira despontou no início da história wacliiana. A Sociedade Brasileira de Defesa da Família, Tradição e Sociedade, a ultracatólica TFP organizada pelo ideólogo e chefe político integrista Plínio Corrêa de Oliveira², engajou-se na WACL de 1966 a 1975, quando seria expulsa. A TFP enviou alguns emissários – o brasileiro Marcos Ribeiro Dantas e o argentino Miguel Beccar Varela – para V Conferência da WACL de 1971 nas Filipinas, publicando-se no *Manila Times* saudação de Corrêa Oliveira aos cruzados da WACL:

² Os herdeiros de Corrêa de Oliveira revelam um intenso interesse na Liga Mundial Anticomunista. Destacam em especial o número de citações de seu “Professor”, o “arauto da contrarrevolução” anticomunista. Os editores do site do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira contabilizaram “116 (cento e dezesseis) referências à TFP e 12 referências ao nome completo do Prof. Plínio”. O portal destacou excerto da minha tese em que o chefe político da TFP congratulou-se com o almirante Penna Botto por ocasião do II Congresso Contra a Intervenção Soviética na América Latina, no Rio de Janeiro, congranados na *luta* “contra la nefasta penetración comunista en nuestro amado país y en América Latina” (MACHADO *apud* INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA (s/d)).

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) sente-se honrada em estar representada no V Congresso da Liga Mundial Anticomunista (WACL). Este certame é de importância decisiva, pois as mais representativas organizações anticomunistas do mundo nele tomam parte a fim de melhor coordenarem seus esforços contra o maior inimigo da civilização: o comunismo. A TFP considera que o mútuo conhecimento e o estabelecimento de relações entre os que estão lutando contra o totalitarismo vermelho, é um imperativo da hora presente. A cooperação entre os anticomunistas de todo o mundo torna-se mais e mais necessária à medida que as agressões, as infiltrações e as conquistas comunistas vão-se multiplicando e tornando mais subtis e enganadoras. Por esta razão, a TFP brasileira leva ao Congresso da WACL a solidariedade da maior entidade anticomunista da maior nação da América Latina. É com alegria que podemos levar, igualmente, a solidariedade das TFPs e entidades similares da Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Venezuela e Equador. Esperamos que o encontro de personalidades tão eminentes e de entidades tão beneméritas conduza a um resultado realmente positivo para conter a imensa ofensiva ideológica e psicológica que o comunismo internacional desenvolve contra todos os países que insitem em permanecer livres. Esse resultado positivo não consistirá apenas em denunciar a lavagem cerebral a que os comunistas estão procedendo nas nações não comunistas, mas também em denunciar claramente a omissão e a debilidade com que agem tantas altas personalidades públicas, cujos cargos lhes impõem entretanto o dever de lutar firmemente contra o comunismo, até a vitória final. As TFPs estão representadas por um diretor da TFP brasileira, Dr. Marcos Ribeiro Dantas, e por um diretor da TFP argentina, Dr. Miguel Beccar Varela. Enviando esses dois delegados, desejamos ressaltar a coesão das várias TFPs, espalhadas por toda a América do Sul. Uma coesão baseada em nossa luta em defesa da perene e gloriosa tradição católica, não só contra o comunismo confesso, mas também contra o marxismo disfarçado que está medrando até mesmo em vários ambientes católicos. Enviamos uma saudação amistosa a todos os anticomunistas que participam deste Congresso, mas desejamos saudar muito especialmente os representantes das nações diretamente atacadas ou ocupadas pelo inimigo: China, Vietnã, Coreia, Ucrânia, Cuba e tantas outras. Aos líderes da World Anti Communist League, e ao seu Capítulo Filipino, que organizou o Congresso, nossas mais calorosas congratulações pela iniciativa e nossos votos de pleno êxito (CATOLICISMO, n.º 250, 1971, p. 3)

Por ocasião de sua participação na V Conferência wacliiana de 1971 em Manila, a TFP publicou no *Catolicismo* uma correspondência trocada entre Corrêa de Oliveira e o general Humberto de Souza Mello, chefe do II Exército em São Paulo com quem, desde janeiro de 1971, “a política em relação aos militantes de esquerda passou a ser de extermínio. Isso ocorreu especialmente com algumas categorias, como a dos banidos” (JOFFILY, 2008, p. 76)³.

³ O general Humberto de Sousa Melo sucederia o general José Canavarro Pereira no comando do II Exército, permanecendo nesse cargo enquanto gestor de estruturas de Estado voltadas para o assassinato extralegal de opositores do regime, entre janeiro de 1971 e janeiro de 1974 (JOFFILY, 2008: 49).

A revista *Catolicismo* publicou a carta do general na qual saudou a iniciativa da WACL, bem como o engajamento da TFP na cruzada da Liga Mundial Anticomunista.

Informado, pessoalmente, por V. Excia., de que a ‘Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade’ havia sido convidada para participar da 5.a. Conferência, da ‘Liga Mundial Anticomunista’, em conexão com o ‘Congresso Anual da Liga dos Povos Asiáticos Anticomunista’, venho congratular-me com a Organização que V. Excia. preside, com a nítida compreensão do que representam a TFP e o congresso em apreço, visto tratar-se de uma verdadeira barreira contra a expansão do comunismo ateu e imperialista. Na conjuntura atual que o mundo atravessa, particularmente os povos asiáticos, e por similitude os sul-americanos, sobre quem atualmente se voltam as atenções agressivas dos comunistas, é confortador sabermos que há, fora das Forças Armadas, quem se coloca, em plano mundial, na primeira linha de combate a esta ideologia, completamente contrária aos nossos interesses, tradições e formação cristã. Renovando meus cumprimentos pela participação da TFP no conclave mundial, apresento meus votos de pleno êxito aos Drs. Marcos Riberio Dantas e Miguel Beccar Varela, seus representantes, certo de suas atuações com inteligência, patriotismo e vasto conhecimento da doutrina democrática, que, seguramente, incidirão fortemente nas decisões de tão notável reunião, para a contenção da marcha do comunismo no mundo, em particular no Continente Sul-Americano (CATOLICISMO, n.º 248, 1971, p. 8)

Apesar de sua intenção de integrar-se à WACL como uma de suas “Organizações Nacionais”, a TFP seria expulsa da Liga em 1975, acossada pelos anticomunistas antisemitas mexicanos da WACL, os Tecos de Jalisco, da Universidade Autónoma de Guadalajara (UAG). Antes disso, no primeiro ciclo asiático de conferências da Liga, deve-se registrar que as frações da ultradireita brasileira que despontaram na WACL foram representadas pelo almirante Penna Botto, presidente da CIDC e da Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), pelas mulheres da CAMDE e pelos homens da TFP. Se hoje é possível radiografar tais presenças brasileiras no começo da história wacliana, o caso português é mais lacunar e fragmentário. Mas já é possível identificar o primeiro anticomunista português que tomou parte da WACL: o jesuíta Joaquim A. de Jesus Guerra. Esse missionário português na Ásia fora preso e condenado à morte pela Revolução Chinesa de 1949. Foi tradutor das obras de Confúcio para o português e organizou o dicionário bilíngue luso-mandarim. Lutava para manter a influência do cristianismo ocidental na Ásia. O reverendo Jesus Guerra representou Portugal na I Conferência da Liga de 1967 em Taiwan. O reverendo participou também da IV Conferência wacliana de 1970 em Tóquio, conclave organizado por pessoas e grupos vinculados ao fascismo japonês como Ryochio Sasakawa (organizador e chefe da Yakuza no pós-guerra) e Nobusuke Kishi, antigo discípulo do ideólogo do fascismo nipônico Ikki Kita, ex-ministro do

Império Japonês durante a II Guerra Mundial e ex-premiê do Japão “democrático” no pós-guerra (MACHADO, 2022, p. 1143).

As conferências da WACL nas Américas e a liderança brasileira no anticomunismo global

No México, a WACL realizou em 1972 seu primeiro encontro global – o sexto da sua história – fora da Ásia. O almirante brasileiro Penna Botto, como presidente de uma das “Organizações Nacionais” da Liga – a Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC) –, não pode comparecer. Adoentado e um pouco antes de morrer, não deixou de enviar uma mensagem contundente à VI Conferência da WACL na Cidade do México. O almirante recomendou “a extinção da Organização das Nações Unidas” (ONU), acusando-a de ser uma entidade a serviço do comunismo global e de estar prestando um desserviço ao assim chamado “mundo livre”, em oposição aos países “escravizados” pelo comunismo. Se Penna Botto (CIDC), as mulheres da CAMDE e os homens da TFP foram os primeiros “amigos brasileiros” da WACL, um novo grupo da ultradireita nacional despontaria, a partir de 1972, como o “capítulo brasileiro” do complexo WACL/CAL: a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES). Auxiliada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) da ditadura militar, a SEPES ascendeu meteoricamente nos quadros de poder da Liga Mundial Anticomunista.

O processo de engajamento da SEPES na WACL e na CAL iniciou-se no México, na VI Conferência da Liga de 1972. O SNI enviara um “Observador” ao conclave anticomunista. Do lado português, não foi o reverendo Jesus Guerra quem participou do sexto encontro anual wacliano na Cidade do México, mas sim Antonio Maria Lino Neto, na condição de dirigente do Comitê Internacional para Defesa da Cultura Cristã, aquartelado em Lisboa (MACHADO, 2022: 1347). Em 1974, Jesus Guerra voltaria a representar Portugal em conferência wacliana. Ao lado de José O’Neil, o reverendo português foi um dos dois “Observadores Nacionais” na VII Conferência da WACL realizada em Washington, D.C., nos EUA (MACHADO, 2022, p. 1537). O “capítulo norte-americano” da WACL, o *American Council for World Freedom (ACWF)*, organizou o sétimo conclave anual da Liga. O general da reserva Thomas A. Lane, diretor do ACWF, e seu presidente Fred Schlafly – marido da escritora anti-feminista Eleanor Schlafly –, organizaram a VII Conferência wacliana de 1974, gastando cerca de 200 mil dólares para sediar o encontro no luxuoso Hotel Mayflower em Washington, D.C. (MACHADO, 2022, p. 1516). Os

novos representantes do Brasil na WACL, a SEPES, também estiveram presentes na VII Conferência da Liga de 1974.

Em 1972, então presidida por Alfredo Weiszflog, jovem herdeiro da Companhia Melhoramentos – indústria do papel e celulose e editora –, a SEPES enviara à Cidade do México um de seus representantes, Elias Jorge Tambur, para melhor conhecer e conectar-se à WACL (MACHADO, 2022, p. 1353). Dois anos depois, com um novo presidente, o jovem empresário anticomunista Carlo Barbieri Filho, a SEPES organizou e celebrou em 1974 no Rio de Janeiro, auxiliada pelo governo Médici, o II Congresso da *Confederación Anticomunista Latinoamericana* (CAL), órgão regional da Liga Mundial Anticomunista na América Latina. A organização ostensiva do II Congresso da CAL de 1974 coube à SEPES e os militares atuaram secretamente para viabilizar esse conclave da extrema-direita anticomunista regional. O SNI e o ministro da Justiça de Médici, o jurista “linha dura” Alfredo Buzaid, organizaram a logística e financiaram parcialmente esse segundo conclave público da CAL. O ministério da Justiça custeou passagens aéreas de alguns jornalistas estrangeiros “decididamente anticomunista”, buscando uma cobertura positiva do evento. Um ano depois, a SEPES e setores militares da ditadura brasileira, já então sob a presidência de Ernesto Geisel, organizaram e celebraram no Rio de Janeiro, em 1975, a VIII Conferência da Liga Mundial Anticomunista. Na ocasião, seguindo a normativa que exigia que o “capítulo nacional” celebrante da conferência anual da Liga indicasse seu presidente para um mandato de um ano, o presidente de sua filial brasileira SEPES, Barbieri Filho, tornou-se, então, o presidente da própria WACL. Essa assunção de Barbieri Filho na presidência da WACL, para o biênio 1975-1976, representou o ápice do processo de internacionalização da ultradireita brasileira na Guerra Fria.

A Revolução dos Cravos na mira da WACL: a insurgência anticomunista em Portugal

Na presidência brasileira da WACL, Portugal pós-Revolução dos Cravos atraiu a atenção e a atuação dos cruzados contrarrevolucionários congregados pela Liga Mundial Anticomunista. Portugal pós-Estado Novo entrou no radar e na mira da WACL. O que ocorrera antes da presidência brasileira da Liga. A gestão do antecessor norte-americano de Barbieri Filho, Fred Schlafly, dirigente da ACWF, buscara organizar a contraofensiva anticomunista em território português a fim de reverter a Revolução dos Cravos de 1974. Nesse sentido, um documento da CIA demonstra que a WACL, por intermédio de seu “capítulo norte-americano” (ACWF) e de seu aliado brasileiro mais próximo, o grupo ultracatólico Tradição, Família e

Propriedade (TFP), bateu às portas do diretor da CIA, o general de Exército Vernon Walters, aparentemente sem sucesso. Em carta de 24 de janeiro de 1975 ao diretor da CIA, o Almirante da reserva George W. Anderson Jr. lamentou não ter conseguido persuadir Walters “to linger for a few minutes to meet and listen to the two gentlemen who had an appointment with me. They were Mr. Fred Schlafly, the President of the World Anti-Communist League, and General Tom Lane, USA (Ret.), a former official in the organization and one who you probably know is involved in all sorts of national security activities” (ANDERSON JR., 1975, p. 01).

Mr. Schlafly stated that he was speaking on behalf of an organization known as Sociedad Brasileña de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad, headquartered in San Paulo, Brasil at an address: Rua Martim Francisco 669, 01226 San Paulo, Brazil. Apparently this organization, under the leadership of a Professor Plinio Correa de Oliveira, has the capability and a motivation to do something to halt the spread of communism in Portugal. I understand that this organization is prominent in Latin America, and puts out publications in different countries in Portuguese and Spanish each month, and also has some other publications as well. (...) I suspect that any action to be taken by the TFP would probably request some funding from the U.S. In any event, it is something that should be looked into, and if you want further information, please contact Mr. Schlafly (ANDERSON JR., 1975, p. 01)

Não se trata, portanto, de *conspiracionismo* esclarecer-se sobre os nexos concretos – complexos e secretos – estabelecidos entre WACL, TFP, CIA e militares norte-americanos da reserva envolvidos, em maior ou menor grau, na cruzada anticomunista global da Guerra Fria.

Brasil, 1975: a VIII Conferência da WACL para reverter a Revolução dos Cravos portuguesa

A VIII Conferência da WACL organizada pela SEPES e por militares da ditadura brasileira significou o ápice da internacionalização da extrema-direita brasileira nas redes do anticomunismo da Guerra Fria. A entronização de um jovem empresário e militante anticomunista brasileiro na presidência da WACL de 1975 a 1976 coincidiu com o período da formalização da Operação Condor em Santiago do Chile (1975) e com a insurgência anticomunista global em atuação secreta e clandestina em Portugal pós-Revolução dos Cravos. Portugal configurou um *hotspot* global da contrarrevolução anticomunista da Guerra Fria global. Na VIII Conferência waciana de 1975, realizada no Hotel Copacabana Palace, Portugal pós-Estado Novo tornou-se alvo dos contrarrevolucionários anticomunistas. A revista *Manchete* cobriu o conclave extremista e apresentou o depoimento de uma figura chamada “Vasco Cabral”. Alegando ser o fundador do Movimento Viva Portugal, alegou “falar ‘em nome da história de Portugal, que conta com oito séculos de missionarismo a favor da Cristandade’”;

Cabral disse à *Manchete* ser ainda – “parente longínquo – 14 gerações – do navegador português”, dizendo viver “no Brasil há seis anos” e manter contatos com “inúmeros parentes e amigos em Portugal, ‘gente que tem muitos bens [e que] está arriscado a perdê-los por causa dos títeres de Moscou” (MACHADO, 2022, p. 1733).

Cabral “revelou que tem um plano positivo para salvar Portugal dessa ‘minoría fanática ardilosa, treinada para a fria mentira, para o sofismo e para a maldade’. Mas confessou ter receio de avançar neste tema, ‘pois acredito que entre nós poderão, eventualmente, estar observadores esquerdistas” (MACHADO, 2022, p. 1733). Nota-se, assim, a preocupação dos participantes da VIII Conferência da WACL de 1975 no Brasil com a transição democrática pela qual Portugal passava depois da vitória da Revolução dos Cravos de 1974. A SEPES também apresentou duas teses à VIII Conferência wacliiana sobre o que designou “comunização” de Portugal e de suas antigas colônias africanas: “Novas perspectivas para o movimento comunista: Portugal” e “Comunismo na África de língua portuguesa”. O senador norte-americano Jesse Helms, uma das estrelas do conclave no Rio, tratou igualmente do caso português. Criticou de maneira ampla a *Détente* promovida pelo presidente dos EUA Richard Nixon e seu secretário de Estado Henry Kissinger como “uma política que confirma e encoraja os ganhos comunistas e lhes permite desmoralizar as nações livres desintegradas” (BR.DF.AN.BSB.Z4.DPN.ENI.0044, p. 85). Conclamou por uma mobilização anticomunista a fim de reverter (*rollback*) a vitória da Revolução dos Cravos em Portugal. O senador reacionário ainda propôs “um programa de treinamento em técnicas de organização e de ação anticomunista”, que deveria “incluir tanto uma dinâmica de grupo estratégica quanto tática, a utilização de técnicas de meios de comunicação de massa e a preparação e distribuição de manuais de organização” (BR.DF.AN.BSB.Z4.DPI.ENI.0044, p. 85).

Onde existir uma afinidade natural, deverá haver uma cooperação especialmente íntima. Por exemplo, o Brasil deveria expandir suas relações com os elementos anti-comunistas de Portugal e dos Açores; o Chile, e outros países de língua espanhola, deveriam estar trabalhando para resolver a crítica situação da Espanha. As Nações do Oriente Médio deveriam estar aumentando os seus já grandes contatos com os Estados Unidos, onde suas mensagens são tão mal entendidas. E, é evidente, as nações asiáticas deverão manter seu íntimo relacionamento com a China Livre [Taiwan] e a Coreia Livre [do Sul] (BR.DF.AN.BSB.Z4.DPI.ENI.0044, p. 85)

A WACL parece ter levado a sério o conselho de Helms para conectar brasileiros e portugueses anticomunistas. A embaixada dos EUA no Brasil, glosando a VIII Conferência da

WACL de 1975 no Rio, destacou que o brasileiro empossado como presidente da Liga Mundial Anticomunista “sinalizou o planejamento de uma viagem a Portugal de um líder português anticomunista exilado neste verão” (U.S.EMBASSY *apud* MACHADO, 2022, p. 1943).

SEPES, WACL e o pinochetismo em Portugal: nexos repressivos no anticomunismo global

Atuando em Portugal, *hotspot* da contrarrevolução anticomunista global, a SEPES articulou-se ali com a ditadura militar chilena. A serviço do pinochetismo, a filial brasileira da WACL engajou-se em operações de guerra política e psicológica em Portugal. Na VIII Conferência da WACL de 1975 no Brasil, a cúpula militar das Forças Armadas chilenas esteve presente. É provável que ao menos em parte a Operação Colombo – uma *psyop* precursora da Condor – possa ter sido planejada nas sessões da VIII Conferência wacliiana no Rio de Janeiro (MACHADO, 2022, p. 1856). Documentou-se ainda a modalidade de engajamento da SEPES em outra *psyoperation* pinochetista. Essa filial brasileira da WACL publicou um livro em defesa da ditadura chilena para o público de língua portuguesa em Portugal e nas ex-colônias africanas. O cientista político e jornalista Roberto Simon foi quem trouxe à luz o papel da SEPES na “campanha de publicidade para neutralizar a imagem adversa contra o Chile que o marxismo internacional está apresentando no exterior” (SIMON, 2021, p. 299).

A ditadura chilena custeou a publicação e tradução do livro “O experimento marxista chileno”, escrito pelo jornalista australiano Roberto Moss, enquanto o pagamento ao autor “teria ficado a cargo da Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (Sepes), formado por um grupo de empresários paulistas ‘amigos’ da embaixada do Chile. Seria uma das várias contribuições, em dinheiro, informações e contatos, da Sepes à ditadura chilena” (SIMON, 2021: 296). A instituição que encomendara o livro a Moss foi o *Forum World Features* de Londres, beneficiária da CIA que “integrava o esforço de propaganda anticomunista da agência americana na Inglaterra” (SIMON, 2021, p. 298). O governo chileno comprou mais de 10 mil cópias do livro e as distribuiu gratuitamente e o pinochetismo “também quis usar a publicação para aguçar seu soft power em Portugal, após a Revolução dos Cravos” (SIMON, 2021, p. 298). A chancelaria de Pinochet em Portugal havia se incomodado o alerta do líder socialista lusitano Mário Soares “sobre o risco de uma ‘solução chilena’ à instabilidade política

em seu país” e, contrapondo-se a isso, ordenou a “sua embaixada no Brasil a enviar a Lisboa exemplares em português do livro de Moss” (SIMON, 2021, p. 298)⁴.

Ultradireita explosiva: o ato terrorista de 1976 contra a embaixada de Cuba em Lisboa

Portugal, depois da Revolução dos Cravos de 1974, tornou-se o *hotspot* da cruzada anticomunista global. A WACL não ficou de fora. Presidida por um brasileiro, foi acusada de buscar de buscar desestabilizar a democracia portuguesa. De outubro de 1974 a fevereiro de 1977, Portugal passou por “an explosion of anti-communist violence”. “The 1975-1976 biennium was particularly fierce, especially during the so-called ‘Hot Summer of 1975’ in northern Portugal, where 70 per cento of the armed actions were carried out” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 90). De maio de 1975 a maio de 1976, contaram-se “405 extreme-right terrorist acts, including bombings, assaults against left-wing political headquarters, arson attacks, shootings, and physical aggression, with tarted, in 34 per cent of the cases” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 90). Identificaram-se “566 politically violent acts between May 1975 and April 1977, which killed over ten people” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 90).

O principal artífice dessa “1975-1976-armed counter-revolution” foi o o Exército de Libertação Nacional (ELN), que iniciou suas ações armadas depois de uma “leafleting across Portugal announcing the beginning of urban guerrilla actions against the communists” (MARCHI; DA SILVA, 2022: 93). A violência atrairia a repressão contra os anticomunistas e, “according to the ELP, the spiral of reaction-repression would lead the exasperated populaion to rise up against communist”. Essa seria a *Libertação*, nome do jornal do ELP “which offered instructions on the construction of handcrafted explosives, such as Molotov cocktails” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 93). Adepto da guerra insurgente/subversiva contrarrevolucionária, o ELP, se não deve ser propriamente caracterizado de fascista, constituiu um violento grupo extremista católico⁵. O início da fase armada foi lançada pelo

⁴ “Alguns têm reconhecido que o movimento anticomunista em Portugal é de caráter de massa e espontâneo”, argumentou o Ministério chileno, e o texto pró-Pinochet na língua nativa poderia influenciar a opinião pública portuguesa. Segundo instruções anteriores recebidas por adidos de imprensa e embaixadores chilenos no exterior, era preciso ‘insistir com sutileza na ideia de que ‘isso aconteceu conosco e também pode acontecer com vocês’. A junta chilena sonhava em ser um modelo a outros países” (SIMON, 2021: 298).

⁵ “Therefore, the ELP undoubtedly stood at the extreme right of the political spectrum due to its anti-Marxist ideas and violent anti-system strategies in relation to the 25 April 1974. Its militants aimed at fighting the potential implementation of a communist regime in Portugal and proving that the majority of the Portuguese people did not support communism. However, it is more problematic to define it as a fascist organization”

ELP em 26 de maio de 1975, “with the assault on the building housing PCP’s work centre and headquarters of the *Movimento Democrático Português/Comissões Democráticas Eleitorais*”. Também em Bragança and from that day until November 1975, the ELP carried out three dozen bomb attacks. To this end, the organization distributed written instructions among its militants for the preparation of pyrotechnic and electrical detonators and explosive and incendiary devices, and leaned” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 101).

1976, contudo, foi o ano mais fatal. E aqui interessa um atentado terrorista em específico: a explosão da embaixada de Cuba em Lisboa de 22 de abril de 1976 que resultou na morte de um funcionário diplomático e da mulher de um diplomata, respectivamente, Efren Monteagudo e Adriana Corcho⁶. Os terroristas deixaram um panfleto no local. Intitulandose “Antifascistas da Zona”, o comunicado político do grupo lembrou que o mês de abril marcava o 15º Aniversário da invasão da Baía dos Porcos, “which was led by Cuban exiles supported by the United States. ‘Before your eyes’, the pamphlets said, ‘you have an example of fascist democracy’” (MARCHI; DA SILVA, 2022). “Fascistas”, assim, seriam os outros, os apoiadores da Revolução Cubana de 1959 e os da Revolução dos Cravos de 1974. O grupo atribuiu a autoria do atentado ao ELP e ao Movimento Democrático de Libertação de Portugal, “headed by the exiled former President, Antonio de Spínola” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 93).

O braço do Serviço Nacional de Informações (SNI) no Itamaraty, a chamada Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores (DSI/MRE), expediu um pedido de busca logo depois do atentado. Em 13 de maio de 1976, o Pedido de Busca n.º 1.602 tratou do assunto: “Portugal. Política interna. ‘Atentado’ contra a Embaixada de Cuba em Lisboa. Pedido de dados sobre Carlos Barbieri Filho” (DSI/MRE, 1976, p. 02). O documento, colocando a palavra “atentado” entre aspas, registrou que “o Embaixador do BRASIL em LISBOA solicitou receber as informações eventualmente disponíveis sobre o Senhor CARLOS BARBIERI FILHO e

(MARCHI; DA SILVA, 2022: 95). “Finally, the ELP drew on a discourse based on Catholic identity to harness anti-Marxist feelings. (...) the Catholic Church played a leading role in maintaining Communism as a threat to Portuguese traditional values” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 95).

⁶ No dia 23 de abril de 1976 o *New York Times* noticiou: “A powerful bomb shattered the Cuban Embassy here today, killing two Cubans and wounding at least four other persons. The blast (...) originated on the seventh floor of the Embassy. Its force knocked out the elevator door and the front door, on the ground floor. The embassy offices were destroyed, with concrete and glass everywhere; a picture of Fidel Castro lay in the rubble. The dead were identified by hospital sources as Adriana Corcho, the wife of a Cuban diplomat, and Efren Monteagudo, an embassy official. Four of the wounded were Portugal nationals” (HOWE, 1976).

a organização que preside” (DSI/MRE, 1976, p. 03). O pedido de busca foi difundido à Agência Central do SNI com a informação segundo a qual “o jornal ‘Diário de Notícias’, de Lisboa, cuja redação é controlada por elementos afetos ao Partido Comunista Português, referiu-se, em sua edição de 12 MAI 76, na primeira página e com grande destaque, ao ‘atentado’ contra a Embaixada de Cuba em Lisboa, atribuindo o ato ao ‘Exército de Libertação Português’ (ELP)” (DSI/MRE, 1976, p. 02).

O próprio ELP teria reivindicado “a autoria do ‘atentado’, através de uma carta dirigida às autoridades policias e procedente de Vilar Formoso, localidade do Distrito da Guarda, próxima à fronteira espanhola” (DSI/MRE, 1976, p. 02). Criticou-se o jornal por “reforçar a imputação ao ELP com a publicação de uma correspondência ‘especial’, enviada de Madrid por um certo Manuel Castillo, na qual se afirma ter ocorrido, na Capital espanhola, cinco dias antes do ‘atentado’, um encontro do ex-inspetor Barbieri, da PIDE/DGS (hoje supostamente ligado ao ELP) e um cidadão brasileiro identificado como ‘Dr. Carlos Barbieri Filho’ (que não seria parente do primeiro), Presidente da ‘Liga Anticomunista Mundial’, com sede em São Paulo/SP” (DSI/MRE, 1976: 02). De acordo com a acusação, “Barbieri Filho teria chegado à Espanha incognito, vindo de Lausanne e em trânsito para Seul e os encontros com o ex-inspetor da PIDE teriam tido lugar no apartamento de uma chilena de nome ‘Ana Maria Pintos’, dada como ‘provável agente dos serviços secretos de Pinochet’” (DSI/MRE, 1976, p. 02). O jornal “estabelece ainda ligações do ELP com Jorge Jardim (ex-líder da comunidade branca de Moçambique), as famílias Espírito Santo e Melo, os ‘Viriatos’, Cotta Dias (ex-Ministro de Marcelo Caetano) e até mesmo Carlos Lacerda” (DSI/MRE, 1976, p. 02-03). Assim que “a Embaixada do BRASIL em LISBOA”, chefiada pelo embaixador Carlos Alberto da Fontoura:

[...] julga que a matéria do ‘Diário de Lisboa’ apresenta todas as características de elaborada peça de desinformação, provavelmente destinada a dar credibilidade à tese do ‘atentado’ e contrapor-se à teoria – que os fatos parecem cada vez mais confirmar – de que a Embaixada cubana foi destruída por explosivos que se encontravam em seu interior (DSI/MRE, 1976, p. 03)

Julgou-se factível que o atentado que assassinou duas pessoas tivesse sido obra de uma “explosão” acidental no paiol da embaixada cubana em Lisboa. Mesmo assim, solicitou-se à Agência Central do SNI um parecer “sobre a resposta a ser fornecida ao Embaixador CARLOS ALBERTO DA FONTOURA sobre a consulta” relativa às informações a respeito de

Barbieri Filho. A DSI/MRE solicitou então à AC/SNI “outros dados julgados úteis para o esclarecimento do Chefe da Missão diplomática do BRASIL em LISBOA” (DSI/MRE, 1976, p. 03). Informação da inteligência militar anexada ao pedido de busca caracterizou Barbieri Filho como um “democrata” que “desfruta de excelente relacionamento com as organizações anticomunistas nacionais e internacionais” (DSI/MRE, 1976, p. 04). Como presidente da SEPES, ele estaria “desenvolvendo relevante atuação em favor das causas anticomunistas e de apoio aos princípios da Revolução de 1964” (DSI/MRE, 1976: 04)⁷: “goza de bom conceito junto aos Órgãos de Segurança” (DSI/MRE, 1976: 05). Já o *Diário de Lisboa* publicou em 12 de maio de 1976, uma manchete que despertaria o interesse da diplomacia brasileira em relação a um eventual nexos existente entre o presidente brasileiro da WACL e o atentado de 22 de abril contra a embaixada de Cuba em Lisboa. Com o título “Barbieri na origem das últimas bombas. Ex-‘pides’ dominam o E.L.P.”⁸, a matéria de Manuel Castillo para o *Diário de Lisboa* denunciou:

O grupo ‘elpista-terrorista’ de Barbieri, o sinistro ex-inspector da P.I.D.E./D.G.S. estaria na origem das recentes explosões de mortíferas bombas em Lisboa, segundo fontes espanholas. Dos diversos grupos-comandos integrados do E.L.P., este é, sem dúvida, o mais perigoso. O chefe dos executores, Barbieri, encontrou-se cinco dias antes do atentado à Embaixada de Cuba, aqui em Madrid, com o dr. Carlos Barbieri Filho, brasileiro, que apesar do nome comum não é da família do primeiro. Barbieri Filho é o presidente da W.A.C.L. – Liga Anticomunista Mundial – com sede em São Paulo, Brasil. Barbieri Filho entrou incógnito em Espanha, vindo de Lausanne e em trânsito para Seoul. Hospedou-se no Hotel Velasquez, no centro de Madrid, e os encontros com o ex-inspector da P.I.D.E., Barbieri, realizaram-se no apartamento da chilena e provável agente dos serviços secretos de Pinochet, Ana Maria Pintos, apartamento situado na Rua Doutor Flming, n.º 31, por sinal perto do Hotel Velasquez. Como se passarão homens e materiais para Portugal? Segundo tudo indica, através de uma ‘finca’ de Badajoz arrendada por Lupi, ex-latifundiário português do Alentejo (CASTILLO, 1976)

Diante disso, cabe perguntar onde estava o presidente da WACL em abril de 1976. Graças a um registro da polícia política paulista, é possível saber que Barbieri Filho “EMBARCOU pelo Aeroporto de Congonhas pelo voo 752 com destino a Genova em 13 de abril de 1976” (MACHADO, 2022, p. 1918). A se fiar no *Diário de Lisboa*, os Barbieri – o da PIDE e o da WACL – teriam se reunido dia 17 de abril em Madrid. E a 22 de abril ocorreu o atentado

⁷ O benolente parecer do SNI ainda assinalou que, “através da Rádio Novo Mundo (São Paulo/SP), SBI (Sociedade Brasileira de Imprensa) e ‘O Expresso’, o grupo de CARLOS BARBIERI FILHO vem se contrapondo ao esquema esquerdista que predomina nos meios de comunicação social brasileiro” (DSI/MRE, 1976: 04).

⁸ Agradeço ao pesquisador italiano Maurizio Massignan por ter me disponibilizado a edição do *Diário de Lisboa*.

contra a embaixada cubana em Lisboa, no mês do 15º aniversário da invasão da Baía dos Porcos lançada por contrarrevolucionários anticomunistas. De 1º a 5 de maio de 1976, na Coreia do Sul, Barbieri Filho passou o cargo de presidente da WACL ao *coldwarrior* veterano Bem C. Limb, no marco da IX Conferência da Liga Mundial Anticomunista. Em julho de 1976, em Miami, na Flórida, o presidente brasileiro da WACL participou do II Congresso Nacional da Alpha 66, organização terrorista do exílio anticomunista que também operava como o “capítulo cubano” da WACL/CAL. O *Miami Herald*⁹ noticiou o conclave da Alpha 66, liderada por Nazario Sargén. O jornalista Roberto R. Brauning noticiou que “el congreso también contará con la asistencia del diputado brasileño Eduardo Galil” e “el Secretario General de la Sociedad de Estudios Políticos y Económicos de Brasil, Carlos Barbieri” (BRAUNING, 1976, p. 02).

Dirigentes do “capítulo cubano” da WACL/CAL saudaram que “la guerra de Angola ha creado condiciones favorables para atacar y debilitar al régimen de Castro en Cuba”, defendendo que “Angola es el Vietnam de Cuba” (BRAUNING, 1976). O jornal mostrava o orgulho da Alpha 66 em destacar que, “desde su creación a fines de 1961”, “ha realizado varios desembarcos en Cuba y ataques a instalaciones costeras en la isla” (BRAUNING, 1976: 02). 1976 marcou ainda o lançamento da “guerra por todos caminhos do mundo”, uma série de atentados terroristas contra instalações e funcionários cubanos em escala planetária. O exílio anticomunista reuniu-se na *Coordinación de Organizaciones Revolucionarias Unidas* (CORU), integrada por grupos como Alpha 66, II Frente Nacional de Escambray e Movimiento Revolucionario del Pueblo (MRP) (MACHADO, 2022, p. 1945). O atentado contra a embaixada de Cuba em Lisboa de 22 de abril de 1976 deve ter contado com a participação desses cubanos anticomunistas em conexão com o Exército de Libertação de Portugal (ELP), que manteve relações estreitas com a WACL e associados extremistas: falangistas espanhóis, neofascistas italianos e terroristas franceses da Aginter Press e da Organisation Armée Secrète (OAS)¹⁰.

⁹ Agradeço ao exímio pesquisador italiano Maurizio Massignan por ter fornecido essa edição do *Miami Herald*.

¹⁰ “In forming the ELP, MAP members relied on existing contacts with international far-right groups, including Spaniards from the Falangist are (i.e. the lawyer José Luis Jerez Riesco and the *Guerrilleros de Cristo Rey* (...), led by Mariano Sánchez Covisa), Latin Americans (i.e. the Brazilian Carlos Barbieri from the World Anti-Communist League – WACL), Italians (i.e. *Avanguardia Nazionale* (...), led by Stefano delle Chiaie), and the French (i.e. Aginter Press, led by Yves Guillou, cover names Yves Guérin Serac or Morgan, assisted by the American Jay Simon Salby, cover name Sablosky or Beaver). The latter collaboration was central to this network, dating back to the second half of the 1960s when *Organization Armée Secrète* [OAS] (...) refugees in Lisbon gave, on behalf of one of the paramilitary structures of *Estado Novo*’s regime – the Portuguese Legion – clandestine action courses on surveillance, interrogation, escape, and screening techniques” (MARCHI; DA SILVA, 2022, p. 93).

Conclusão

Seria lícito concluir com o poeta alemão Bertolt Brecht: “Tantas histórias, Tantas questões”? A incursão feita no universo das extremas-direitas anticomunistas da Guerra Fria global, com destaque para as linhagens brasileira e portuguesa organizadas por dentro da Liga Mundial Anticomunista (WACL), bem como a organização da contrarrevolução insurgente lançada para reverter a vitória da Revolução dos Cravos de 1974 em Portugal, fazem parte da história dos legados autocráticos diante dos atuais desafios antidemocráticos. Assim, a atual internacionalização/fascistização das direitas precisaria ser compreendida à luz dessa história e dimensões fáticas que ainda, em suas (des)continuidades, recalcitram na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON JR., George W. Admiral, USN (Ret.) George W. Anderson, Jr. to Major General Vernon A. Walters, USA, Deputy Director of Central Intelligence. The White House, Washington, President’s Foreign Intelligence Advisory Board. 24 January 1975. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP80R01731R002200100027-2.pdf>.

CASTILLO, Manuel. Barbieri na origem das últimas bombas. Ex-‘pides’ dominam o E.L.P. *Diário de Lisboa*, ano 56, 12 de maio de 1976.

CORDEIRO, Janaina Martins. *A nação que se salvou a si mesma*. Entre memória e história, a Campanha da Mulher pela Democracia. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense (UFF), Departamento de História, 2008.

DA SILVA, Vicente Gil. *Planejamento e organização da contrarrevolução preventiva no Brasil: atores e articulações transnacionais (1936-1964)*. 2020. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

DA SILVA, Vicente Gil; SCHWARZ, Laura Maria Loss. Wladimir Lodyginsky: a trajetória internacional de um militante anticomunista. *Tempos Históricos*, v. 26, n. 1, 2022, p. 275-299.

DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (DSI/MRE). Pedido de Busca n.º 1.602: Portugal. Política interna. ‘Atentado’ contra a Embaixada de CUBA em LISBOA. Pedido de dados sobre CARLOS BARBIERI FILHO. 13.05.1976. *Fundo do Serviço Nacional de Informações (SNI)*. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/76097161/BR_DFA NBSB_V8_MIC_GNC_AAA_76097161_d0001de0001.pdf.

DOS SANTOS, Márcia Guena. *Operação Condor: uma conexão entre as polícias políticas do Cone Sul da América Latina, em particular Brasil e Paraguai, durante a década de 70*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM), 1998.

HOWE, Marvine. 2 Cubans Die in Bombing of Embassy in Portugal. *The New York Times*, April 23, 1976, p. 3.

JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)*. Tese. (Doutorado). Universidade de São Paulo. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

INSTITUTO PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA. 2022: *Por dentro da Liga Mundial Anticomunista – gênese e gestão da WACL*, Rodolfo C. Machado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (s/d).

KAYSEL, André. Deus, Pátria, Família e Propriedade: discurso e ideologia da Liga Mundial Anticomunista (WACL) e da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL) (1975-1979). In: REZENDE, Viviane de Melo (org.). *Estudos do Discurso: relevância social, interseccionalidade e interdisciplinaridade*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

LÓPEZ MACEDONIO, Mónica Naymich. Historia de una colaboración anticomunista transnacional: los Tecos de la Universidad Autónoma de Guadalajara y el gobierno de Chiang Kai-Shek a principios de los años setenta. *Revista Contemporánea*. Historia y problemas del siglo XX. Volumen 1, Año 1, 2010.

MACHADO, Rodolfo Costa. *Por dentro da Liga Mundial Anticomunista – gênese e gestão da WACL: filonazistas, contrarrevolução asiática e o protótipo latino-americano da Operação Condor (1943-1976)*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2022.

MACHADO, Rodolfo Costa. A internacionalização da extrema-direita brasileira na Guerra Fria: do movimento secundarista anti-Goulart à Liga Mundial Anticomunista na ditadura (o nexos CLACE-SEPES, 1962-1977). *Revista Germinal: marxismo e educação em debate*. Salvador, v. 16, n. 1, p. 616-636, abr. 2024.

RIBEIRO, Marcos Vinicius. *A história da Confederação Anticomunista Latino-americana durante as ditaduras de Segurança Nacional (1972-1979)*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

SIMON, Roberto. *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.